



Teresa Pimenta PERALTA, “Frontais de Altar de Azulejo” in *Biblioteca DigITile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.



CF1009.0195.ic

I – Contextualização

O tema “Frontais de altar de Azulejo” está presente na documentação da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian e esteve sempre incluído na intenção programática de Santos Simões como monografia complementar ao *Corpus da Azulejaria Portuguesa*. Este facto pode ser verificado na “Proposta de Publicação do Corpus da Azulejaria Portuguesa”, datada de 30 de Dezembro de 1958, na qual o autor anuncia que, para edição imediata, estão em preparação as obras dedicadas a frontais de altar, registos e a *aplicações* menores.¹

Também pelo Relatório do Dr. Azeredo Perdigão, compreendido entre os anos de 1955 e 1959, somos informados que “os *Frontais*” já eram trabalho adiantado, a par da “Azulejos Armoados”, dos “Registos de Azulejos”, da “Azulejaria para fachadas em Portugal e no Brasil”.²

Em 1969, na Introdução da “Azulejaria em Portugal nos séculos XV e XVI”, o tema vem de novo contemplado, desta feita sob a designação de Estudos Temáticos Complementares ao *Corpus*, em paralelo com outros temas. No

¹ Biblioteca de Arte da FCG, *Colecção Santos Simões*, “Corpus da Azulejaria Portuguesa”, EMD001.218, 30 de Dezembro de 1958. Todas as imagens publicadas neste texto pertencem à Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian / Colecção Santos Simões

² Cf. João Miguel dos SANTOS SIMÕES, Azeredo PERDIGÃO [Prefácio], *Azulejaria Portuguesa nos Açores e na Madeira*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1963, p. X.



Teresa Pimenta PERALTA, “Frontais de Altar de Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

prefácio, Santos Simões declara a intenção de publicá-los em simultâneo com a edição dos outros volumes designados então como genéricos.³

Uma derradeira re-programação do *Corpus* concernente à sua publicação é realizada também nesse ano de 1969, aquando da reestruturação da Brigada de Estudos de Azulejaria e, de novo, o tema “Frontais de Altar de Azulejos” surge incluído, com a particularidade de apresentar já a data de edição - Novembro de 1969 - e assumir o formato de Elenco Comentado.⁴

Por último, em texto manuscrito, sem datação (1969/70?), intitulado “Cap. IV – Frontais de altar”, o autor declarou:

“O estudo pormenorizado dos frontais de altar de azulejo será objecto de publicação monográfica especial, integrada no conjunto do Corpus da Azulejaria Portuguesa. Aí são considerados todos os exemplares de que houve conhecimento, tanto em Portugal Continental como nos Açores e no Brasil, fabricados ou instalados desde o século XVI ao século XIX. Neste volume do Corpus dedicado à Azulejaria em Portugal no século XVII reunir-se-á no presente tomo a matéria e considerações genéricas sobre a tipologia de frontais de altar e, no “elenco” serão referidas as localizações e feitas as descrições sumárias dos exemplares seiscentistas registado durante a prospecção territorial. Para os leitores e estúdios mais particularmente interessados nesta modalidade da arte do azulejo aconselha-se o recurso à publicação monográfica onde, aliás, se repetirão as considerações tipológicas e respectivas exemplificações. Ainda que, aparentemente haja redundância, qualquer das publicações é independente e serve propósitos diversos: uma tratando a matéria no conjunto da azulejaria seiscentista, sem preocupações exaustivas, outra, mais ambiciosa, procurando levar o estudo a pormenorizações de especialidade.”⁵

³ Cf. João Miguel dos SANTOS SIMÕES, *Corpus da Azulejaria Portuguesa - Azulejaria Portuguesa nos Séculos XV e XVI*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969, pp. 12-14.

⁴ Arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian, *Proposta quanto à reestruturação da Brigada de Estudos de Azulejaria*, 31 de Março de 1969.

⁵ Biblioteca de Arte da FCG, *Colecção Santos Simões*, “Cap. IV – Frontais de Altar”, EMD001.389. [1969/1970?].



Teresa Pimenta PERALTA, “Frontais de Altar de Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

II – Descrição

Na sequência do Projecto DigiTile, a Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian reorganizou todo este material num total de 122 pastas. Estas correspondem à grande diversidade de recolha da informação que Santos Simões efectuou num período cabal entre a década de 40 e 60 (com maior ênfase para a década de 60), esta última correspondente não só à época em que foi publicado o volume – *Azulejaria Portuguesa nos Açores e na Madeira* –, mas também a toda a fase em que decorreu a organização do volume “*A Azulejaria em Portugal no século XVII*”, dado à estampa, como sabemos, em 1971.

No entanto, da variedade de papéis agora reorganizados destacam-se cinco conjuntos principais:

1º - Uma pasta com uma comunicação de Santos Simões intitulada *A propósito de frontais de altar de azulejo* proferida na Academia Nacional de Belas Artes, em 1958, da qual consta texto e lista de frontais de altar organizada por ordem alfabética e balizada entre o século XVI e XVIII.⁶ A comunicação constituiu-se como resposta deste especialista à palestra de Reynaldo dos Santos proferida na mesma Academia a 23 de Outubro de 1956, intitulada “Frontais de Altar do Século XVII” e publicada, posteriormente, na revista *Belas Artes*, IIª série, nº 10, 1957. Este texto foi revisto em 1964, pois no verso da página 5 há uma referência à dita revisão, embora tenha sido riscada por Santos Simões.

⁶ Biblioteca de Arte da FCG, *Colecção Santos Simões*, “A propósito de frontais de altar de azulejo”, Janeiro de 1958. EMD001.2. [revisto em 1964].



Teresa Pimenta PERALTA, “Frontais de Altar de Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

2º - Um segundo grupo documental relaciona-se com a existência de vários textos designados como “Azulejaria Portuguesa do século XVII – Frontais de Altar”.

Os documentos “Azulejaria Portuguesa do século XVII – Frontais de Altar” numerados com a cota [EMD001.3 e EMD001.436] são semelhantes, mas apresentam correcções diferentes. Numa análise mais detalhada, verifica-se que a primeira versão foi a que conheceu maior revisão editorial. Foram escritos em Dezembro de 1969, pois uma nota da página 13 assim o indica.⁷

O mesmo capítulo “Azulejaria Portuguesa do século XVII – Frontais de Altar”⁸ serviu como base do texto “Frontais de Altar”, embora só na primeira parte, pois o autor dedicou maior atenção à produção e evolução azulejar das cidades de Sevilha e Talavera.⁹

A versão “Frontais de Altar” aborda o mesmo assunto, mas distingue-se na forma abreviada como os conteúdos são apresentados.¹⁰

Por sua vez, o documento “Frontais de Altar”¹¹ é uma cópia da versão referida anteriormente com a cota [EMD001.9], mas com correcções e fim distinto.

Da análise efectuada ao conjunto destes textos, conclui-se que serviram de versões para a publicação do volume do *Corpus* “A Azulejaria em Portugal no século XVII” com o sub-título – Frontais de altar - e cuja base foi só uma: o texto

⁷ Biblioteca de Arte da FCG, *Coleção Santos Simões* “Frontais de Altar - Azulejaria Portuguesa do século XVII”, EMD001.3 e EMD001.436 [na página 13 de EMD001.3 há a referência “recentemente em Dezembro de 1969”].

⁸ Biblioteca de Arte da FCG, *Coleção Santos Simões* “Frontais de Altar - Azulejaria Portuguesa do século XVII”, EMDD001.3

⁹ Biblioteca de Arte da FCG, *Coleção Santos Simões* “Frontais de Altar”, EMDD001.9

¹⁰ Biblioteca de Arte da FCG, *Coleção Santos Simões*, “Azulejaria Portuguesa no século XVII – Capítulo IV – Frontais de Altar”, EMD001.8

¹¹ Biblioteca de Arte da FCG, *Coleção Santos Simões*, “Frontais de Altar”, EMD001.9



Teresa Pimenta PERALTA, “Frontais de Altar de Azulejo” in *Biblioteca DigiTILE: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

acima referido [EMD001.3] que, por constrangimentos editoriais, não foi publicado na íntegra.¹²

Por curiosidade, a versão original do capítulo “Frontais de Altar” publicada no *Corpus da Azulejaria Portuguesa* encontra-se também na colecção Santos Simões da Biblioteca de Arte, em versão manuscrita.¹³



3º - Um estudo inédito sobre “Frontais de Altar do Buçaco” realizado entre 1965-1971. Para além de texto dactilografado, Santos Simões juntou uma planta das capelas daquele convento carmelita. O autor tinha a intenção de incluir este estudo no *Corpus*, pois na nota nove do texto à guarda da Biblioteca de Arte refere:

“ a fim de evitar redundâncias, e uma vez que voltaremos a referir a azulejaria do Buçaco no 2º Tomo deste volume do *Corpus – Elenco – desenvolveremos aqui as considerações críticas deixando para ali apenas a sua enumeração*”.¹⁴

No entanto, quando comparamos com a obra publicada – “A Azulejaria em Portugal no século XVII”, mais especificamente, o segundo volume, correspondente ao *Elenco*, anuncia-se “porque se trata de um núcleo “ *sui*

¹² Cf. João Miguel dos SANTOS SIMÕES, *Azulejaria em Portugal no século XVII*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1971, pp. 211-223.

¹³ Biblioteca de Arte da FCG, *Colecção Santos Simões*, “Cap. IV Frontais de Altar”, EMD1.389

¹⁴ Biblioteca de Arte da FCG, *Colecção Santos Simões*, “Buçaco - Frontais de Altar”, [1965-1971]. EMD001.4. A versão EMD001.3, na qual foi incluído um pequeno estudo sobre a azulejaria do Buçaco tem uma anotação com referência a 1969.



Teresa Pimenta PERALTA, “Frontais de Altar de Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

generis e paradigmático é ele estudado no I tomo deste volume – tipologia no capítulo dedicado a Frontais de altar”.¹⁵ Ao fazermos a confrontação com as informações incluídas no volume dedicado à Tipologia, do conjunto dos dezasseis frontais de altar do Buçaco estudados no texto inédito, apenas refere cinco frontais enquadrados na tipologia “Ramagens” (Capela de São João da Cruz, Capela de São José, de São Pedro) e dois “Damascados” (capela de *Ecce Homo*). Desta breve comparação, concluímos que o material publicado no *Corpus* não faz jus à riqueza documental recolhida e analisada por este ceramólogo no texto inédito à guarda da Biblioteca de Arte.¹⁶

4º - Na documentação encontram-se também várias Listas de Frontais de Azulejo manuscritas¹⁷ e dactiloscritas, provavelmente para serem incluídas em Elenco, pois uma encontra-se datada de 1969.¹⁸

5º - O último conjunto é referente a Fichas, pensadas em papel A4 para recolha de informação relacionada.¹⁹ Nelas incluíam-se os seguintes campos: Localidade, núcleo, frontal, tipo, dimensões a nível da sanefa, dos sebastos, do pano, das cantoneiras e das ilhargas. Compreendiam ainda informação sobre o historial, comentários, referências, documentos gráficos, diapositivos e notas sobre conservação daqueles painéis azulejares. Estas fichas apresentam uma interessante curiosidade que é a de se ter assinalado Vol. III no título. Seria este

¹⁵ João Miguel dos SANTOS SIMÕES, *Azulejaria em Portugal no século XVII*, IIº vol., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1971, p. 56.

¹⁶ Cf. João Miguel dos SANTOS SIMÕES, *Azulejaria em Portugal no século XVII*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Iº Vol. , 1971, pp. 216-217.

¹⁷ Biblioteca de Arte da FCG, *Colecção Santos Simões*, “Frontais de Altar do século XVII”, EMD001.6; “Azulejaria do século XVII – Frontais de Altar Fotografados”, EMD001.11; EMD001.11.2

¹⁸ Biblioteca de Arte da FCG, *Colecção Santos Simões*, “Frontais de Altar de Azulejo – século XVII”, 30.12.1969. EMD001.7

¹⁹ Biblioteca de Arte da FCG, *Colecção Santos Simões*, “[Ficheiro] Corpus da azulejaria portuguesa, Vol. III, Século XVII. Cap.º Frontais de altar”. EMD001.13 a EMD001.118



Teresa Pimenta PERALTA, “Frontais de Altar de Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

material um instrumento de recolha de informação ou estaria destinado a integrar o volume complementar e juntá-lo aos volumes genéricos, mencionados no prefácio de 1969, como material a intercalar consoante os temas e cronologias? Não podemos cabalmente responder a esta dúvida, mas fica-nos este



CFT009.28921c

apontamento para reflexão futura.²⁰

III - Fortuna Crítica

Antes de nos demorarmos mais na

análise da fortuna crítica do assunto Frontais de Altar atentemos, em primeiro lugar, para a própria obra de Santos Simões onde o tema foi eleito como favorito desde muito cedo na sua pesquisa.

Com efeito, é logo em 1943 no artigo “Alguns Azulejos de Évora” que Santos Simões lhes dedicou um pequeno estudo por considerar que a cidade estava dotada “*de uma verdadeira e riquíssima colecção de frontais de altar em azulejo*”.²¹

Desde logo, socorre-se de bibliografia espanhola, mais especificamente a obra de Diodoro Vaca e Juan de Luna, para citar a notícia sobre a pragmática régia dos finais do século XVI onde Filipe I de Portugal determinava que os

“*frontais de altar se reconstruíssem com azulejo imitando com a possível perfeição os tecidos e bordados da época*”.

²⁰ Cf. João Miguel dos SANTOS SIMÕES, *Corpus da Azulejaria Portuguesa - Azulejaria Portuguesa nos Séculos XV e XVI*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969, [1.ª edição] p. 14.

²¹ Cf. João Miguel dos SANTOS SIMÕES, “Alguns Azulejos de Évora”, *Sep. A Cidade de Évora Boletim da Câmara Municipal de Évora*, nºs 9 e 10, Évora, 1945, p. 23.



Teresa Pimenta PERALTA, “Frontais de Altar de Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

Logo neste texto traçou duas ideias fundamentais: Em primeiro lugar, a importação de altares talaveranos para o nosso país, citando o exemplo do espécime presente no antigo Convento dos Remédios. Em segundo lugar, defendeu que a

“transplantação desta modalidade decorativa para o nosso país foi caracterizado pela adopção da ornamentação têxtil oriental, dando assim nascença a um tipo diferenciado de frontal, de azulejo curioso e inconfundível.”²²

O autor dá o exemplo da Capela de Nossa Senhora do Rosário da igreja dos Lóios com a ave ornamental da família das *paradiseidae*. Embora seja um estudo muito circunscrito, confessando o autor não ter tido tempo para profundas averiguações documentais, nele estão contidas as primeiras orientações para o estudo definindo cronologias e apurando influências.

De 1958, data o primeiro estudo sobre frontais de altar e, apesar da promessa da publicação, parece-nos ter permanecido inédito até hoje na Biblioteca de Arte. Referimo-nos ao artigo acima mencionado: “A Propósito de frontais de Altar de Azulejo” que tem um contexto específico, dado tratar-se da resposta directa à palestra e posterior publicação de Reynaldo dos Santos na Academia de Belas Artes em 1956 e 1957, respectivamente.

Só depois desta última ter sido dada à estampa é que Santos Simões se propôs fazer

“algumas considerações sobre o assunto versado e sobre as opiniões do muito douto comunicante, estas apresentadas como de certo modo opostas às que tenho defendido”²³

²² IDEM, *ibidem*, p. 23.

²³ Biblioteca de Arte da FCG, *Colecção Santos Simões*, “A Propósito de Frontais de Altar de Azulejo”, EMD001.2



Teresa Pimenta PERALTA, “Frontais de Altar de Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

No artigo rebate, educadamente, algumas asserções de Reynaldo dos Santos como sejam, por exemplo, as atribuições à produção nacional dos altares da capela das Albertas e da ante-sacristia do Convento da Graça, considerando tal afirmação:

“ não ser prudente, por ora, argumentar com a obra de Francisco de Matos para produzir prova de portuguesismo, dado que, a não ser o portuguesíssimo nome, não temos qualquer indicação que nos permita afirmar que esses extraordinários azulejos tenham sido produzidos em Portugal.”²⁴

Está também em desacordo com a defesa de Sevilha como centro inspirador dizendo:

“não me anima, evidentemente, qualquer propósito de reivindicar para Talavera de la Reina alguma influência significativa na nossa azulejaria de seiscentos, em prejuízo da Andaluzia. Tampouco julgo que o estudo dessas influências possa minimizar as qualidades artísticas da nossa azulejaria, antes sempre proclamei e proclamo a originalidade das nossas decorações azulejares naquilo em que realmente se distinguiram e superam as estranhas. Mas história é história e para alcançar a verdade não há que considerar sentimentalismos mais ou menos patrióticos.”²⁵

Um ano depois (1959) publicou o estudo “ Frontales de Altar de Azulejo en la Mesquita de Córdoba” na revista *Archivo Español del Arte*²⁶, no qual o autor fez uma abordagem sumária, sem muito tempo para pesquisa documental, mas por considerar que

“o reportório de frontais de altar em azulejo da Mesquita Catedral cordovesa é, sem dúvida alguma, o mais vasto e variado de quantos tenho conhecimento.”²⁷

²⁴ Idem, *ibidem*.

²⁵ IDEM, *op. cit.*

²⁶ Cf. João Miguel dos SANTOS SIMÕES, “Frontales de Altar de Azulejo en la Mesquita de Córdoba”, in *Estudos de Azulejaria*, Vítor Sousa LOPES (coord.), Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Col. Presença da Imagem, 2001, pp. 199-208.

²⁷ IDEM, *ibidem*, p. 201.



Teresa Pimenta PERALTA, “Frontais de Altar de Azulejo” in *Biblioteca DigiTILE: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

Para o estudo adoptou por uma leitura itinerária:

“*entrando na mesquita pela porta das palmeiras a partir dos pátios das laranjeiras, começaremos a nossa revista pelas capelas contíguas à parede do lado poente – lado do palácio, num total de 10 capelas e três altares*”²⁸,

na qual descreve formalmente os frontais, faz aproximações estilísticas (por exemplo entre o frontal da capela da Assunção e os painéis historiados da Quinta da Bacalhôa), e discute oficinas pela descoberta de um monograma RE que identifica como sendo o pintor Roque Hernandez para a execução do altar da capela da Assunção.²⁹

No primeiro volume do *Corpus da Azulejaria Portuguesa*, dedicado ao património azulejar dos Açores e Madeira, investiu no estudo de frontais de altar nos Açores por considerar que a sua presença

“*representa no quadro geral da azulejaria portuguesa um caso particular*”³⁰,

uma vez que se observam fenómenos curiosos de continuidade até ao século XIX.

Santos Simões defendeu para o início do século XVI a introdução de frontais de altar em Portugal, a partir de arranjos de artefactos de influência sevilhana, apontando para o final do mesmo século a importação de frontais de altar de Talavera, nos quais se verifica a influência dos tecidos ricos. Para

²⁸ Consideramos aqui só as que apresentam frontais de altar em azulejos, a saber: (Capela de Santo Ambrósio, Capela de S. Simão e S. Judas, Capela de S. Bartolomeu, Altar da Anunciação, Altar da Conceição; Altar do Santo Nome de Jesus; Capela de Nossa Senhora da Antiga; Capela de S. Miguel; Capela dos Santos Varões, Capela de Santa Ana, Capela de Nossa Senhora da Conceição, Capela do Nascimento; Capela da Assunção)

²⁹ Cf. João Miguel dos SANTOS SIMÕES, *Azulejaria Portuguesa nos Açores e na Madeira*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1963, p. 205-208. Biblioteca de Arte da FCG, *Colecção Santos Simões*, “Planta Esquemática da Mesquita de Córdoba”, EMD001.377; EMD001.379 e EMD001.380

³⁰ Cf. João Miguel dos SANTOS SIMÕES, *Azulejaria Portuguesa nos Açores e na Madeira*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1963, p. 14 e p. 19.



Teresa Pimenta PERALTA, “Frontais de Altar de Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

Portugal, autonomizou os frontais que imitavam os panos bordados ou estampados vindos do Oriente considerando que é “*uma das mais graciosas modalidades da azulejaria portuguesa*”³¹ atingindo o seu período áureo na década de 60 e entrando em decadência por volta de 1680.

Ao descrever sumariamente os espécimes existentes, Santos Simões enunciou as várias tipologias quanto ao conteúdo iconográfico dos frontais existentes nos Açores como sejam a de Hispano-árabe; tipo têxtil, de Aves e Ramagens e de Brutesco.

Seis anos depois, ao publicar a *Azulejaria do século XV e XVI*, volta a referir os frontais de altar a propósito da influência de Talavera.³²

Por fim, é em 1971 que, no último volume do *Corpus* publicado ainda em vida, Santos Simões dedicou um capítulo aprofundado ao estudo dos frontais de altar seiscentistas, no qual pretendeu, em primeiro lugar, definir o que é um frontal de altar de azulejo

“*ajudando assim a identificar os painéis concebidos para tais aplicações, tão diferente de outras composições azulejares, e que eventualmente, foram transferidos como “painéis” para colecções particulares ou museológicas.*”³³

A partir deste momento, prontificou-se a estabelecer as tipologias quanto à forma dos altares ditos de caixa, (analisando a nomenclatura própria de sanefa, sebastos, pano, ilhargas, frisos e cantoneiras) e a estabelecer as tipologias quanto ao conteúdo iconográfico referindo, para o efeito, os Frontais Damascados, os Frontais de Brutesco e os Frontais de Ramagens.

³¹ IDEM, *ibidem*, p. 15.

³² Cf. João Miguel dos SANTOS SIMÕES, *Azulejaria em Portugal nos séculos XV e XVI*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969, p. 88.

³³ Cf. João Miguel dos SANTOS SIMÕES, *Corpus da Azulejaria Portuguesa – Azulejaria em Portugal no século XVII*, vol. I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1971, 1.ª ed., p. 212.



Teresa Pimenta PERALTA, “Frontais de Altar de Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

A tentativa de arranjar uma metodologia não foi tarefa fácil como o autor, sinceramente, nos afirma:

“É natural que os primeiros exemplares tenham seguido fielmente a ornamentação dos “panos da Índia” e é este critério lógico e simplista que nos servirá para escalonar no tempo os subtipos de uma possível evolução, já que como dissemos faltam dados documentais para uma cronologia precisa.”³⁴

Os subtítulos surgem-nos dentro das tipologias (por exemplo refere os Brocados de Milão e os de padrão dentro dos Frontais Damascados; os Híbridos e os Ornatos Florais dentro de Brutescos).

Para a tipologia de Ramagens, distingue dois grandes grupos: o primeiro de gramática decorativa oriental e o segundo de gramática decorativa europeia com a introdução da figura humana. É também nas Ramagens que diferencia morfologicamente a organização de um frontal de altar, discriminando os panos que se apresentam com unidade decorativa em gramática oriental, os que



CFT009.047n.1c

possuem emblemas religiosos; os que possuem panos bipartidos e composições assimétrica.

Encerra o capítulo mencionando a gramática barroca que atinge os frontais de altar na década de 70-80. De mencionar ainda a documentação remanescente na Biblioteca de Arte que se constitui como versões do capítulo IV da *Azulejaria Portuguesa no século XVII*,

³⁴ Cf. João Miguel dos SANTOS SIMÕES, *Corpus da Azulejaria Portuguesa – Azulejaria em Portugal no século XVII*, vol. I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1971, 1.ª ed., p. 219.



Teresa Pimenta PERALTA, “Frontais de Altar de Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

na qual o autor teorizou de uma forma mais aprofundada o tema em análise. Por exemplo, existem definições mais completas no que se refere ao significado de Frontais Adamascados e à criação de 4 tipologias distintas: Adamascados, Padrões (considerando não frontais, mas composições para o pano); Brutescos e Ramagens. Neste texto distingue ainda morfologicamente os panos simples, bipartidos, tripartidos e pano com cartela central, desdobramento que não se verifica em obra publicada.³⁵

Paralelamente à obra de Santos Simões refiram-se as de Reynaldo dos Santos dedicadas ao objecto em foco. Como já foi exposto, em 1956, o então Presidente da Academia de Belas Artes apresentou nesta mesma instituição uma palestra intitulada “Os Frontais de altar do século XVII” na qual considerou que o tema “*tem uma importância maior do que se lhe tem dado.*”³⁶

Analisando esta expressão artística no contexto da decoração mural cerâmica, posicionou-se contra a teoria de Santos Simões no que concerne à origem estrangeira dos frontais de Damascos dando o exemplo do Frontal de Évora, que

*“é de padrões geométricos sem nada de especificamente talaverano e as molduras mais ou menos renascentistas têm as afinidades naturais com os espécimens peninsulares da época, mais logicamente emanadas de Sevilha que de Talavera.”*³⁷

Um anos depois, conjuntamente com a publicação deste artigo, surgia a obra *O Azulejo em Portugal*,³⁸ na qual dedicou um capítulo aos “Frontais de altar do século XVII” justificando esta opção

³⁵ Biblioteca de Arte da FCG, *Colecção Santos Simões*, “Frontais de Altar - Azulejaria Portuguesa do século XVII”, EMD001.3 e EMD001.436

³⁶ Cf. Reynaldo dos SANTOS, “Os Frontais de altar do século XVII” in *Boletim da Academia Nacional de Belas Artes*, IIª série, nº 10, 1957, pp. 2-7.

³⁷ IDEM, *ibidem*, p. 3 e 6.

³⁸ Cf. Reynaldo dos SANTOS, *O Azulejo em Portugal*, Lisboa, Editorial Sul, 1957, pp. 93-97.



Teresa Pimenta PERALTA, “Frontais de Altar de Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

“pela particularidade dos seus temas, inspirados em influência Oriental”.³⁹

No texto estabeleceu três variedades – imitação de tecidos e brocados cumprindo a pragmática litúrgica de Sevilha; “frontaleras de maneira que parez com frontales”; aplicação pura e simples dos padrões da decoração mural; decoração de influência oriental”.⁴⁰ Nesta matéria reclama a nossa atenção para os bordados das colchas chinesas, panos da Índia e evocações da Pérsia.

Herdeiros destes estudos sobre frontais de altar são os trabalhos de João Pedro Monteiro e de José Meco, os autores contemporâneos que mais se têm dedicado ao assunto.

Em 1994, a propósito da *Lisboa Capital Europeia da Cultura*, ao estudar o fabrico da faiança, João Pedro Monteiro recorre aos frontais de altar para exemplificar o caminho de autonomia que o azulejo português conheceu na mesma época.⁴¹ Seguindo os mesmos pressupostos metodológicos, cronológicos e oficiais propostos por Santos Simões, aquele autor reflecte sobre os sentidos iconológicos dos Frontais de Ramagens, à luz dos valores cristãos, apoiando-se, por exemplo, no conhecimento da legislação das Constituições Sinodais do Arcebispado de Lisboa de 30 de Maio de 1640 D. Rodrigo da Cunha.

De 1997 data um artigo de José Meco realizado a partir de uma palestra apresentada na Fundação Calouste Gulbenkian em 1983, no qual estuda “os

³⁹ IDEM, *ibidem*, p. 96.

⁴⁰ IDEM, *po. cit.*, p. 94.

⁴¹ Cf. João Pedro MONTEIRO, *A influência Oriental na Cerâmica Portuguesa do Século XVII*, Lisboa, Museu Nacional do Azulejo/Capital Europeia da cultura 94/Electa, 1994, p. 18-53.



Teresa Pimenta PERALTA, “Frontais de Altar de Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

Frontais de altar quinhentistas e seiscentistas de azulejo – do Mudejarismo à influência Oriental”⁴².

Nele propôs-se:

*“a analisar a organização formal dos frontais de altar, tanto enquanto discurso integrado na evolução geral da azulejaria, como na medida em que dele se distancia e autonomiza, assumindo-se como veículo de problemáticas extra-artísticas.”*⁴³

Desta forma, o autor percorreu as principais fases da nossa azulejaria iniciando com os Frontais de Azulejo Hispano-Mourisco da Primeira metade do Século XVI; A Azulejaria Peninsular Flamenga; A Azulejaria Maneirista Portuguesa; para chegar, por fim, aos Frontais de Azulejo Seiscentista em Portugal, nos quais distinguiu as tipologias de Brutesco e de Aves e Ramagens. Defendeu também a inspiração oriental destes últimos, discriminado os panos da Índia; os panos bordados luso-orientais; as colchas bordadas indo-portuguesas e os bordados de origem chinesa. Discordou de Santos Simões em relação à produção de frontais em oficinas de Coimbra e do Porto e divergiu das balizas cronológicas estabelecidas pelo autor do *Corpus*, distinguindo assim dois períodos: um situável no segundo quartel do século XVII, no qual se utilizou

“o azul cobalto e do amarelo de antimónio com motivos contornados a azul ou acentuados por pinceladas cor-de-laranja ou acastanhadas (óxido de ferro)”

e um segundo período nos anos centrais do século XVII de maior variedade cromática

*“com as cores antes referidas enriquecidas pela adição dos brilhantes verdes de cobre e pelos arroxeados de manganés, associados ao desenho dos motivos num negro metalizado, de manganés concentrado.”*⁴⁴

⁴² Cf. José MECO, “Os Frontais de altar quinhentistas e seiscentistas de azulejo – do Mudejarismo à influência Oriental” in *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, 1990/1998, nº 92, 2º Tomo, pp. 11-96.

⁴³ IDEM, *ibidem*, p. 17.

⁴⁴ IDEM, *ibidem*, pp. 68-69.



Teresa Pimenta PERALTA, “Frontais de Altar de Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

Um ano depois, João Pedro Monteiro retomou o tema dos Frontais de Altar, desta feita, a propósito de um espécime em território brasileiro: o frontal de altar da capela de Nossa Senhora da Piedade Jaboatão em Pernambuco.⁴⁵ Neste artigo, o autor actualizou as correcções cronológicas feitas por José Meco, a partir da obra *A azulejaria em Portugal* e aprofunda a descodificação iconológica dos símbolos orientais e Europeus de raiz cristã, concluindo que

*“os frontais de altar de influencia oriental não são apenas uma mera reprodução cerâmica de temas exóticos, naturalmente fascinantes e atractivos, mas também uma apropriação dos mesmos por parte de um substracto cultural português e católico.”*⁴⁶

Em 2004, na revista “Monumentos”, no número dedicado ao Convento do Buçaco, José Meco estudou o património azulejar em artigo intitulado: “Embrechados e Azulejos do Deserto Carmelita” onde elencou e descreveu os frontais azulejares do Deserto Carmelita,⁴⁷ conciliando os vários exemplares remanescentes com as tipologias anteriormente consideradas por Santos Simões,⁴⁸ o qual definiu estes frontais, como uma referência paradigmática, representando um lugar de relevo no quadro histórico-artístico da azulejaria portuguesa.⁴⁹

⁴⁵ Cf. João Pedro MONTEIRO, “O frontal de altar da capela de Nossa Senhora da Piedade Jaboatão, Pernambuco” in *Oceanos*, Nº 36/37, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Outubro de 1998/Março de 1999, pp. 158-176.

⁴⁶ IDEM, *ibidem*, p. 176.

⁴⁷ Cf. José MECO, “Embrechados e Azulejos do Deserto Carmelita”, in *Monumentos Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, Lisboa, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Nº 20 / Março, 2004, pp. 93- 101.

⁴⁸ Cf. João Miguel dos Santos SIMÕES, *Azulejaria em Portugal no século XVII – I Tipologia*, Lisboa, FCG, 1971, pp. 211- 223.

⁴⁹ Cf. João Miguel dos Santos SIMÕES, *Azulejaria em Portugal no século XVII – II Elenco*, Lisboa, FCG, 1971, p. 56.



Teresa Pimenta PERALTA, “Frontais de Altar de Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

Mais recentemente outros autores têm abordado o assunto em pequenas entradas de livros e de uma forma menos aprofundada.⁵⁰

Ao tema frontais de altar dedica Alexandra Curvelo duas páginas no catálogo da exposição “*Um gosto português: o uso do azulejo no século XVII*”.⁵¹ Adoptando a metodologia de Santos Simões na análise formal dos elementos constituintes dos frontais, reconhece a influência oriental nomeadamente na existência de um pagode, no exemplar à guarda do Museu Nacional Machado de Castro, facto também já notado por Reynaldo dos Santos.⁵²

Em paralelo às influências de tecidos asiáticos, propõe a contaminação dos tecidos próprios da indumentária Mogol, alguma pintura persa e composições azulejares da mesma origem. Chamou a atenção para o rigor no uso da terminologia indo-portuguesa por não englobar as diversas manifestações artísticas, pormenor a ter em conta em futuros estudos de Artes Decorativas.

⁵⁰ Cf. Alexandre PAIS e Alexandra CURVELO “Frontal de Altar Tripartido” in *Azulejos – obras do Museu Nacional do Azulejo*, Lisboa, Ed. Chandeigne/ Museu Nacional do Azulejo, 2000, pp. 42-44.

⁵¹ Cf. Alexandra CURVELO, “O uso do azulejo e a presença portuguesa na Ásia no século XVII” in *Um gosto português: o uso do azulejo no século XVII*, Maria Antónia Pinto de MATOS (coord.), Lisboa, Museu Nacional do Azulejo/Babel, 2012, p. 344-345. O artigo repete, em parte, a entrada do catálogo citada na nota anterior.

⁵² Cf. Reynaldo dos SANTOS, *O Azulejo em Portugal*, Lisboa, Editorial Sul, 1957, p. 96.



Teresa Pimenta PERALTA, “Frontais de Altar de Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.



Conclusão

Passados quarenta e quatro anos da publicação da obra *Azulejaria em Portugal no século XVII*, os pressupostos metodológicos de Santos Simões são ainda seguidos pela maioria dos autores que se tem dedicado ao estudo dos frontais de altar. Embora haja o natural aprofundamento crítico no que concerne à produção oficinal, cronologia, tipologia, iconografia e fontes de inspiração, a maior parte dos autores consultados segue de perto a abordagem daquele historiador ao tema, integrando-o na evolução geral da azulejaria e adoptando a nomenclatura e a morfologia utilizada. Tal como Santos Simões, todos são unânimes em reconhecer para os frontais designados por ramagens a “reivindicação de marca verdadeiramente portuguesa” pela forma como o rico substrato cultural português aqui permanece espelhado.

Ressalte-se ainda a ausência de teses académicas dedicadas unicamente ao assunto e, embora a preocupação actual seja a de utilizar rigorosamente a nomenclatura correcta no que ao Oriente diz respeito, convém lembrar que, na década de 50, Santos Simões esteve em contacto com o conservador de tecidos do Museu *Victoria & Albert* para cruzamento interdisciplinar, pelo que os conceitos têm de ser entendidos à luz da época em que são produzidos. Saliente-se ainda o espírito crítico que o Historiador da Azulejaria Portuguesa nos deixou no cuidado sistemático em distinguir os



Teresa Pimenta PERALTA, “Frontais de Altar de Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

frontais de altar “puros” daqueles que foram remontados, como parece ser muitos dos casos espalhados pelo nosso país.